

VIAGENS DE “ENCANTAMENTO E DE SONHO”

MARISA FURTADO

DOCUMENTALISTA, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
DO SPORT LISBOA E BENFICA



**PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA**

VIAGENS DE “ENCANTAMENTO E DE SONHO”

MARISA FURTADO

DOCUMENTALISTA, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
DO SPORT LISBOA E BENFICA

No verão de 1950, após uma época de ouro onde se laureou campeão nacional e latino, o Benfica deixava, pela primeira vez na sua história, o espaço ibérico. O destino? África. Durante pouco mais de um mês, a equipa visitou Angola, Moçambique, África do Sul e Congo Belga. No regresso, trouxeram muito mais que troféus, galhardetes e fotografias na bagagem. Ali tinha-se feito história e a grande relação de amizade entre o Benfica e os vários países que visitou manteve-se até à atualidade e traduziu-se em vários regressos do Clube àqueles territórios.

Citar este paper:

FURTADO, Marisa, *Viagens de “encantamento e de sonho”* [Lisboa], Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021. Disponível em <https://media.slbenfica.pt/-/media/BenficaDP/Images/museu/ficaemcasa/Digressao-Africa-1950>.

© Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021

CRONOLOGIA DE UM ABRAÇO QUE NÃO ACABA



Os troféus que o Benfica trouxe da primeira digressão a África.

O *Benfica*, n.º 426 (20 janeiro 1951), p. 1. Acervo SLB

A 20 de janeiro de 1951, o jornal *O Benfica* fazia capa com um admirável conjunto de troféus e objetos, recentemente desalfandegados. “Os troféus da viagem a África já se encontram no Clube”, era a frase que encabeçava a imagem, “uns conquistados em campo e outros oferecidos em inequívocas demonstrações de amizade desportiva”¹. Meses antes, o Benfica havia visitado quatro países no continente africano onde lhe foram oferecidos mais de 60 objetos, valorizando, assim, o património artístico do Clube. Este foi o primeiro de muitos abraços fraternos que o Benfica daria àquele continente.

Em 1962, doze anos depois desta primeira viagem, a equipa regressou para mitigar as saudades dos benfiquistas africanos. Numa década muita coisa muda e desta vez o Benfica estava maior do que nunca, já que carregava o prestigioso título de bicampeão europeu. Nesta segunda viagem o Benfica visitou apenas dois países, Angola e Moçambique, o que viria a ser a principal diferença desta e das futuras digressões que o Clube faria àquele continente. Depois do desgaste físico sofrido por toda a comitiva em 1950, estas deslocações de propaganda passaram a ter durações mais curtas e componentes sociais menos vincadas.

Sob o mote “rota da saudade, rota do coração”², esta viagem tinha um fim patriótico e altruísta, uma vez que a equipa iria angariar fundos para a construção de um hospital de recuperação para militares do Ultramar. Nas ruas, sempre que os habitantes locais se cruzavam com as nossas glórias ouvia-se o espanto, sempre o espanto. “Olha o Águas, está mais magro, este é que é o Eusébio, ena o fato do Germano”³ e, à porta dos hotéis, de

¹ O *Benfica*, n.º 426 (20 janeiro 1951), p. 1

² O *Benfica*, n.º 1022 (21 junho 1962), p. 30

³ O *Benfica*, n.º 1024 (5 julho 1962), p. 1



Pata de elefante oferecida na digressão de 1973.

Fotografia de João Freitas. Acervo SLB

dia ou de noite, faziam-lhes vigias. Era como se ali tivesse nascido, subitamente, uma Casa do Benfica.

Em 1973, ano em que se consagrou campeão nacional sem uma única derrota, o Benfica partia para África pela sexta vez. Vinte e três anos depois da sua primeira visita, o Benfica reafirmava a sua popularidade além-fronteiras. Se na visita de 1962, Eusébio, lourenço-marquino de gema, era o que mais tinha impressionado, a digressão de 1973 ficou marcada pelo afastamento forçado do jogador a meio da viagem, devido a uma lesão no joelho ocorrida num desafio em Luanda⁴. Desta digressão trouxeram, entre outras coisas, uma inusitada peça: uma pata de elefante que funcionava como banco e como caixa e que está, atualmente, em exposição no Museu Benfica - Cosme Damião.



Eusébio e Luís Filipe Vieira com os jovens atletas do Clube Costa do Sol, em Maputo, em maio de 2006.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

A partir de 1950, cada década de história do Benfica passou a ter um capítulo sobre África. 1962, 1973, 1987, 1995... Ainda hoje a relação com aqueles países se mantém: a última deslocação da equipa de futebol àquele continente foi na época 2010/11, a propósito da comemoração dos 35 anos da independência de Angola.

Mas começemos pelo primeiro capítulo desta já longa relação fraterna entre o Benfica e África: a grande viagem de 40 dias iniciada em julho de 1950.

⁴ A Bola, n.º 4160 (11 agosto 1973), p. 8

A PARTIDA



Jornal do Clube anuncia a partida da comitiva para África.

O Benfica, n.º 401 (29 julho 1950), p. 1. Acervo SLB

No verão de 1950, o Benfica partia, pela primeira vez, numa digressão de grande escala⁵. Recentemente laureado campeão nacional e campeão latino⁶, o Clube aproveitou a oportunidade desta viagem para divulgar o bom futebol que praticava⁷ e fazer alguma prospeção junto das equipas africanas, para perceber se naqueles países haveria talentos que pudessem vir a ser mais-valias para o Sport Lisboa e Benfica. Mal sabiam eles que regressariam a casa com um diamante em bruto, que viria a ser a cara de uma das maiores conquistas do Clube!

Antes da partida, a comitiva que iria participar nesta digressão visitou o Ministério das Colónias, em Lisboa, onde Francisco Retorta, vice-presidente da Direção do Clube, afirmou: “Esta visita tem de situar-se entre as grandes jornadas do Benfica e do futebol português, pois não se trata de uma excursão banal [...]. Vamos ao encontro de benfiquistas como nós, que sentem e vibram com as alegrias e tristezas do Benfica [...]. Vamos ver e abraçar irmãos, confraternizar com os desportistas de Angola e Moçambique”⁸. Pretendia-se que esta fosse uma excelente jornada de propaganda e que servisse para “estreitar ainda mais os laços de camaradagem e amizade que unem os desportistas da Metrópole aos do Ultramar”⁹.

Na partida de Lisboa, a 25 de julho, o Aeroporto da Portela vestiu-se de vermelho. Parecia uma tarde de domingo no campo do Campo Grande. Centenas de pessoas aclamavam os jogadores, desde público anónimo a dirigentes e atletas de outros clubes! Foi uma verdadeira demonstração da popularidade do Benfica.

Lourenço Marques, Beira e, mais tarde, novamente Lourenço Marques, era este o itinerário da primeira semana de viagem. Mas esta passagem por Moçambique seria só o início! Ao todo o Benfica visitaria quatro países: o itinerário incluía, também, uma passagem pela África do Sul, diversas localidades em Angola e uma paragem no Congo Belga. À sua espera estavam os jogadores locais que tinham a enorme expectativa de que aqueles encontros pudessem ensinar-lhes novas técnicas e, desta forma, pudessem ter uma forte influência no progresso do futebol africano.

⁵ OLIVEIRA, Mário Fernando de, SILVA, Carlos Rebelo da, *História do Sport Lisboa e Benfica 1904-1954*, Vol. 2, p. 518

⁶ *Idem*

⁷ *Mundo Desportivo*, n.º 825 (9 agosto 1950), p. 7

⁸ *O Benfica*, n.º 401 (29 julho 1950), p. 1

⁹ *A Bola*, n.º 590 (7 setembro 1950), p. 1

A CHEGADA E O PRIMEIRO JOGO

Após uma breve passagem por Dakar e Acra¹⁰, a comitiva chegou a Leopoldville, capital do Congo Belga (atual República Democrática do Congo), onde pernitou num dos melhores hotéis da cidade, ganhando energia para a última fase da viagem. Aí, foi alvo de inúmeras manifestações de simpatia por parte da comunidade lusa e do cônsul de Portugal¹¹. A comitiva benfiquista deixou a promessa de ali regressar no final da digressão para um encontro amigável com a seleção local.

No dia 28, depois de uma extenuante viagem de comboio, os “encarnados” chegaram, finalmente, onde os esperavam: a Lourenço Marques, atual Maputo. Aguardava-os uma apoteótica receção na Estação Central e na Praça MacMahon¹². Uma multidão imensa, empunhando bandeiras e emblemas do Clube, aclamava os “encarnados” num ensurdecido coro e, gritando os nomes dos seus favoritos¹³, puxava do comboio alguns elementos da embaixada benfiquista¹⁴. Francisco Ferreira nem teve tempo de esticar as pernas, já que foi levado em ombros do aeroporto ao hotel. Ao longo desse dia, far-se-iam visitas aos palácios da Câmara e do Governador e à Associação de Futebol de Lourenço Marques, seguindo-se, à noite, uma Festa de Gala no Teatro Scala¹⁵.

No dia seguinte, o Benfica realizaria o primeiro de 15 encontros desta digressão¹⁶. E fê-lo com pompa e circunstância, já que iria inaugurar o campo do Desportivo de Lourenço Marques, filial do Benfica e o grande promotor desta viagem¹⁷. Na cerimónia, dirigida pelo governador-geral e pelo presidente da Câmara, foi descerrada uma lápide comemorativa da visita do Benfica: “Este estádio foi construído de 5 de Maio a 28 de Julho de 1950. Inaugurou-o solenemente o Sport Lisboa e Benfica, campeão de Portugal e vencedor da Taça Latina, no dia 29 de Julho de 1950”¹⁸. Seguiu-se um desfile dos atletas do Desportivo e dos clubes locais, fechado a chave de ouro pela entrada do Benfica em campo¹⁹, aplaudido de pé durante largos minutos pelo público que vestia as bancadas do estádio. Entre eles estava um menino de 8 anos, acompanhado pelo seu pai, que viria a transformar-se na grande estrela do clube “encarnado”. Era Eusébio! Quem diria? Alguns anos mais tarde, quando aterrou em Lisboa para vestir a camisola do Benfica, o jogador ainda recordava este dia: “há dez anos, vi [o Benfica] jogar em Lourenço Marques e [...], apesar de eu ainda ser um garoto, logo me fez simpatizar com ele...”²⁰. Na digressão de 1962, Eusébio voltaria a esta cidade e seria o nome mais aclamado nas ruas de Lourenço Marques. Consagrado campeão europeu meses antes, era o orgulho dos adeptos lourenço-marquinos. Se antes daquela digressão já era considerado a estrela do Benfica, no final passou a ser visto como um génio com constante “fome de bola”.

¹⁰ *Mundo Desportivo*, n.º 819 (26 julho 1950), p. 11

¹¹ *Mundo Desportivo*, n.º 820 (28 julho 1950), p. 9

¹² *O Benfica*, n.º 402 (5 agosto 1950), p. 1

¹³ *Idem*

¹⁴ *Idem*

¹⁵ *Idem*

¹⁶ *Idem*

¹⁷ *A Bola*, n.º 582 (19 agosto 1950), p. 1

¹⁸ *A Bola*, n.º 578 (10 agosto 1950), p. 3

¹⁹ *O Benfica*, n.º 402 (5 agosto 1950), p. 4

²⁰ *A Bola*, n.º 2195 (17 dezembro 1960), p. 6

LOTAÇÃO ESGOTADA NO CAMPO DO DESPORTIVO DE LOURENÇO MARQUES



Taça Cidade da Beira, que valia “15 contos”.
Fotografia de João Freitas. Acervo SLB

A passagem do Benfica pelas diferentes cidades que o esperavam era como a mais bem coreografada das danças: receção frenética e triunfal, jogo emocionante e muito concorrido e despedida apoteótica, já cheia de saudade.

Dia 30 de julho, o Benfica chegou à Beira. Apesar das duas horas de atraso e da chuva torrencial, a equipa foi recebida “por um mar de cabeças a perder de vista”²¹. O aeródromo estava inundado de gente que agitava freneticamente as bandeirinhas do Benfica. Depois da visita à Câmara Municipal e ao Palácio do Governo, a equipa dirigiu-se para o campo local “vistosamente engalanado”²² e, perante a maior assistência que aquele recinto alguma vez vira, defrontou a seleção local da Beira, que os “encarnados” venceram por 5-0. No final do encontro, foi entregue à equipa uma monumental taça “no valor de 15 contos”²³. À noite, no Hotel Savoy, realizou-se um banquete de homenagem à equipa “encarnada”, onde compareceram as mais altas figuras da cidade²⁴.

A comitiva regressaria, ainda, a Lourenço Marques para mais três jogos com equipas locais. O de dia 6 de agosto, frente à seleção do Norte Transvaal, foi o mais concorrido. O campo do Desportivo, que o Benfica inaugurara dias antes, foi demasiado pequeno para acomodar os milhares de pessoas que queriam assistir ao jogo, tendo a assistência excedido largamente a lotação máxima do recinto. Centenas de pessoas sentaram-se entre a vedação e o campo²⁵. Calcula-se que tenham assistido ao jogo mais de sete mil pessoas. Neste encontro, o Benfica foi o “que todos esperavam ver. Uma equipa de excelentes jogadores e de futebol vistoso e prático”²⁶. Um cronista desportivo de Joanesburgo, do jornal *Star*²⁷, escreveu que o Benfica praticava um futebol “como nunca se viu”, pois à precisão do passe característico dos ingleses aliava uma “fogosidade latina, que a torna particularmente demolidora e prática”²⁸.

Na despedida de Lourenço Marques, a comitiva portuguesa recebeu uma calorosa despedida. Os portugueses fizeram “o milagre de entusiasmar a população da capital de Moçambique”²⁹. A chegada foi uma explosão de entusiasmo e a despedida “uma rendição incondicional”³⁰.

²¹ *O Benfica*, n.º 402 (5 agosto 1950), p. 4

²² *Idem*

²³ *Idem*

²⁴ *Idem*

²⁵ *A Bola*, n.º 577 (7 agosto 1950), p. 2

²⁶ *Idem*

²⁷ *A Bola*, n.º 578 (10 agosto 1950), p. 3

²⁸ *A Bola*, n.º 576 (5 agosto 1950), p. 4

²⁹ *A Bola*, n.º 579 (12 agosto 1950), p. 2

³⁰ *Idem*

BAIXAS NA EQUIPA E UM NOVO RECRUTA



Equipa entra em campo para jogo particular com a Seleção de Benguela, a 20 de agosto de 1950.

Fotografia de A. Márcio (*A Bola*). Fundo Francisco Ferreira. Acervo SLB



Francisco Ferreira recebe flores de duas crianças, antes do jogo com a Seleção de Sá da Bandeira, em 25 de agosto de 1950.

Fotografia de autor desconhecido. Fundo Francisco Ferreira. Acervo SLB

Em Angola, o Benfica visitou as províncias de Luanda, Benguela, Huí-la, Nova Lisboa e Bié³¹, mas com baixas na equipa. Os jogadores Félix, Moreira e Julinho tiveram de regressar a Lisboa por se encontrarem em “precárias condições de saúde”³², denunciando “profundo desgaste físico”³³ e com dificuldades de adaptação ao clima africano³⁴.

Em Sá da Bandeira, os “encarnados” defrontaram o Sport Lubango e Benfica, que era, sem dúvida, a mais próspera das filiais do Benfica em terras de Angola³⁵. Detentor de excelentes instalações, que incluíam um campo de futebol e um outro recinto que servia, simultaneamente, para a prática de hóquei em patins, basquetebol, voleibol e ténis, o Sport Lubango e Benfica revelou-se um clube progressivo³⁶, que exercia uma enorme influência no ambiente em que se desenvolvia³⁷.

A grande efeméride desta passagem por Sá da Bandeira foi a estreia de uma nova “esperança” na equipa “encarnada”³⁸, elemento que contribuiria da melhor forma para o sucesso do Clube. Falamos de José Águas! Na altura com 18 anos³⁹, foi cedido pelo Lusitano Sports Clube, do Lobito, apresentando-se no jogo amigável contra a formação do Lubango⁴⁰, que o Benfica venceria por 7-0, como “o novo recruta”⁴¹ do Clube. Magro, alto e com um extraordinário pendor para a baliza, neste jogo Águas marcou três golos sem mostrar nervosismo ou precipitação, conquistando a atenção de todos. Os jornais descreveram-no como um rapaz com “invulgar intuição para o jogo”⁴² que se mostrava deveras entusiasmado por acompanhar a equipa no regresso a Lisboa e vestir a camisola encarnada⁴³.

Na sede do Sport Lubango e Benfica foi descerrada uma placa comemorativa da passagem do Benfica pelo Lubango e procedeu-se à distribuição de lembranças, entre as quais um impressionante dente de elefante⁴⁴, atualmente em exposição no Museu Benfica - Cosme Damião.

³¹ OLIVEIRA, Mário Fernando de, SILVA, Carlos Rebelo da, *História do Sport Lisboa e Benfica 1904-1954*, Vol. 2, p. 518

³² *A Bola*, n.º 582 (19 agosto 1950), p. 7

³³ *A Bola*, n.º 586 (28 agosto 1950), p. 7

³⁴ *A Bola*, n.º 583 (21 agosto 1950), p. 4

³⁵ *A Bola*, n.º 587 (31 agosto 1950), p. 2

³⁶ *O Benfica*, n.º 408 (16 setembro 1950), p. 2

³⁷ *A Bola*, n.º 587 (31 agosto 1950), p. 2

³⁸ *Idem*

³⁹ *O Benfica*, n.º 406 (2 setembro 1950), p. 2

⁴⁰ *A Bola*, n.º 585 (26 agosto 1950), p. 4

⁴¹ *A Bola*, n.º 585 (26 agosto 1950), p. 7

⁴² *O Benfica*, n.º 406 (2 setembro 1950), p. 2

⁴³ *Idem*

⁴⁴ *Idem*

A nossa digressão pelo continente africano

Jogo alegre e confiança sólida

por terras do Sul de Angola

A carinhosa recepção feita pelos benfiquistas de Benguela contribuiu largamente para a recuperação moral da nossa equipa

Um jovem, cedido pelo Lusitano do Lobito, acompanha a nossa representação como elemento de promotor futuro para as nossas fileiras

Vitórias confortáveis em Benguela, Moçâmedes, Sá da Bandeira e Silva Porto



Está a equipa que tem uinhado nos últimos encontros em Angola. Assinalado com X o novo recruto, Águas

aniquilou a reintegrar-nos no aspecto fraternal da nossa missão.

Não, não era possível esperar tanto. Foi surpreendente... foi maravilhosa esta visita a Benguela. Deu-nos ânimo, recordações mas o estado moral, recordando-nos o clima do Clube.

As últimas derrotas, tão demoralizadoras, tão chocantes; tinham-nos arreigado no espírito a dolorosa ideia de proscricção.

Olhávamos-nos desconfiados e tristes, cada qual sofrendo a sua dor, a sua desilusão. Viámos-nos com o coração oprimido, sangrento. Viámos-nos com a ideia do culpa. Era tão mau o nosso ambiente moral!

Mas Benguela, esta terra de gente tão querida e tão generosa, abriu-nos os braços, agitou-nos contra o seu coracão, deu-nos o alento que nos faltava.

Soube dizer-nos, e fazer-nos compreender, que a nossa presença aí não justificava. Disse-nos que nos levantássemos, que alisássemos em frente e prosseguíssemos com a obra da partida.

Soube dizer-nos tudo isto com ternura, ter

O novo “recruta”, José Águas, assinalado com o X na fotografia.

O *Benfica*, n.º 406 (2 setembro 1950), p. 1. Acervo SLB

No final do seu périplo por terras de Angola, com passagem por Benguela, Moçâmedes, Nova Lisboa, Silva Porto e Bela Vista, o Benfica regressou à capital, Luanda, para a realização de um último desafio naquele país, desta vez contra a sua filial luandense⁴⁵. Do jogo, do qual os “encarnados” saíram com uma vitória por 3-2⁴⁶, não ficaram, no entanto, as melhores memórias, devido à agressividade com que foi vivido, quer pelo adversário, quer pelas claques que se uniram num incitamento contra o Benfica, na vã esperança de perturbar a qualidade do seu desempenho⁴⁷. Após o jogo, o Benfica foi convidado de honra numa festa promovida pela filial no Cine-Teatro Nacional⁴⁸. O evento foi um êxito para os organizadores e acabaria por constituir uma invulgar apoteose para o Clube, que veria apagada qualquer recordação menos boa perante a simpatia, apoio e dedicação dos amigos luandenses⁴⁹. Do programa da festa fizeram parte atuações do grupo artístico local “De Tanga” e de Magda Borges, cantora da Rádio de Luanda, que interpretou o tema “Adeus ao Benfica”⁵⁰.

A viagem estava a acabar, a equipa mostrava claros sinais de cansaço, mas o Benfica é um clube de palavra e, por isso, regressou a Leopoldville, como havia ficado prometido quase dois meses antes, para o último jogo da digressão frente à Seleção do Congo Belga. O adversário estava convenientemente preparado e, tendo em conta o desgaste que a equipa sofrera até aqui, os rapazes de Ted Smith não se sentiam particularmente confiantes em relação a este encontro⁵¹. No entanto, surpreenderam todos os que se tinham deslocado ao Estádio Rainha Astrid, e até a eles próprios, ao vencerem o jogo por 4-0. Talvez tenha sido a numerosa e entusiástica plateia, talvez tenha sido a emocionante interpretação do hino nacional português perante uma assistência de pé... ou talvez tenha sido porque o Benfica é sempre o Benfica e, mesmo cansado, joga sempre para ganhar.

⁴⁵ *Record*, n.º 48 (21 outubro 1950), p. 11

⁴⁶ *Idem*

⁴⁷ *Mundo Desportivo*, n.º 839 (11 setembro 1950), p. 2

⁴⁸ *O Benfica*, n.º 409 (23 setembro 1950), p. 5

⁴⁹ *Idem*

⁵⁰ *Idem*

⁵¹ *A Bola*, n.º 590 (7 setembro 1950), p. 1

UM PEQUENO PASSO PARA O HOMEM, UM GRANDE PASSO PARA O DESPORTO PORTUGUÊS



Chegada da comitiva “encarnada” ao aeroporto da Portela, a 4 de setembro de 1950.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

Terminava o que foi uma viagem de propaganda e de recompensa dos que, apesar de longe, mantinham o seu amor e dedicação à bandeira do Clube⁵². O Benfica deu como cumprido o grande objetivo de contribuir para elevar o desporto africano. A comitiva “encarnada” regressou a casa, finalmente, a 4 de setembro de 1950⁵³. A chegada, aguardada por milhares de adeptos no aeroporto, constituiu um acontecimento: “regressaram (...) os atletas da equipa de futebol do Sport Lisboa e Benfica, que em terras de África honraram o desporto Continental, disputando quinze partidas, no curto período de quarenta dias, das quais ganharam onze, perderam três e empataram uma.⁵⁴”, lia-se, dias depois, no jornal *A Bola*⁵⁵.

Os campeões nacionais e latinos tinham superado todas as expectativas. Em 15 partidas marcaram 61 golos contra apenas 22 sofridos⁵⁶; inauguraram um campo construído em tempo recorde para receber a equipa “encarnada”; influenciaram estrondosamente o futebol africano; trouxeram consigo José Águas, que viria a ajudar a conquistar e a erguer a primeira Taça dos Clubes Campeões Europeus do Clube; e gravaram a mística benfiquista no coração do pequeno Eusébio. Estes 40 dias podem ter sido um pequeno passo para o Homem, mas foram, sem dúvida, um grande passo na história do Clube e do desporto português.

⁵² *Sport Lisboa e Benfica, Relatório e Contas da Gerência de 1950 e Parecer do Conselho Fiscal*, p. 8

⁵³ *A Bola*, nº 590 (7 setembro 1950), p. 1

⁵⁴ *Idem*

⁵⁵ *Idem*

⁵⁶ *A Bola*, nº 590 (7 setembro 1950), p. 3

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

Sport Lisboa e Benfica, *Relatório e Contas da Gerência de 1950 e Parecer do Conselho Fiscal*.

PERIÓDICOS

A Bola
O Benfica
Record
Mundo Desportivo

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, Mário Fernando de, e SILVA, Carlos Rebelo da, *História do Sport Lisboa e Benfica, 1904-1954*, vol. II, Lisboa, [s.n.], 1954.



PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA